

IMAGENS DE TRABALHO, REPRESENTAÇÕES DA VIDA SOCIAL: CAMPINA GRANDE, 1930-1940

Severino Cabral Filho*

O nosso objetivo com esta comunicação é refletirmos sobre trabalho, trabalhadores e vida social em Campina Grande, na Paraíba, entre os anos de 1930 e 1940. Por meio de algumas imagens fotográficas que nos dão a ver atividades produtivas praticadas em dimensões distintas – no âmbito da tradição e da modernização –, apresentamos fragmentos que passaram a fazer parte da memória visual desta cidade, indiciando valores e práticas que se cristalizaram como traços identitários seus; desejamos pensar ainda sobre o uso destas imagens para a elaboração do texto historiográfico considerando a sua dimensão pedagógica uma vez que nos permitem lançar novos olhares sobre o passado e assim compreendê-lo melhor, visualizando certas experiências a partir de vestígios do passado congelados na fotografia.

Partimos de um mito de fundação caro à memória da cidade: o trabalho nas feiras livres. Epaminondas Câmara, letrado local, já enfatizara a importância desta feira ainda na primeira fase do povoado, ao afirmar: “A primeira fase do povoado caracteriza-se pela atração. Sua feira atraiu almocreves e boiadeiros... E o tipo campinense local formou-se no jogo do comprar muito e vender muito”. (1988; 21-22). Tal mito teve os seus significados modificados porque Campina Grande, como tantas outras cidades brasileiras, também serviu de palco para experiências modernizadoras bem ao estilo dos vitoriosos projetos arquitetônicos iniciados pelo Barão Haussmann em Paris e que, no Brasil, teve nas reformas urbanas realizadas no Rio de Janeiro, sob a administração do prefeito Pereira Passos, o seu exemplo maior. É sabido que dentre as mais caras premissas à modernização expressa nas reformas urbanas, constam idéias sanitaristas ancoradas em processos de higienização.

As feiras livres, realizadas nas áreas centrais de Campina Grande, constituíram-se em motes a partir dos quais alguns letrados locais, embalados pelos sonhos e desejos modernizantes, reivindicaram a instituição do progresso e da civilidade na cidade, reclamando por sua higienização, solicitando a edificação de um mercado público para a comercialização de produtos – sobretudo os gêneros alimentícios –, que atendessem às exigências de beleza, higiene, segurança e salubridade tão em moda à época. O que também nos é dado a conhecer através da leitura destes textos, é o medo de infecções e contágios que remontam aos tempos das teorias miasmáticas. Para além das questões relativas à salubridade, tais apelos

* Professor Doutor da Unidade Acadêmica de História da Universidade Federal de Campina Grande.

apresentaram também uma faceta moral: não foram poucas as vozes que clamaram contra a presença das prostitutas que passeavam pelas feiras, desafiando as zelosas e honradas donas de casa que para ali se dirigiam para realizar as suas compras. Foi, portanto, nesse severo clima de preocupações higiênicas e morais pensadas e propostas pela elite letrada de Campina Grande, que essa imagem fotográfica da feira foi realizada.



Foto 1: Acervo do Museu Histórico de Campina Grande

Certamente estamos diante de uma imagem paradoxal, uma vez que um dos valores mais caros ao ideário moderno é o trabalho, essa categoria fundadora de uma determinada ética social que deveria ordenar valores, comportamentos e ações. E olhando bem para essa imagem verificaremos que ela está plena de trabalho. O seu caráter paradoxal reside no fato de que, se atentarmos para o enquadramento da imagem podemos ver que a feira foi disposta de uma forma quase caótica, em contraponto com a ordem geométrica das edificações e das pedras do calçamento que lhe servem de cenário.

Essa imagem certamente justificaria a grita dos letrados campinenses contra a promiscuidade existente nesses locais de comércio: observemos as frutas expostas ao chão, ou mal acondicionadas em cestos e sacos aparentemente precários, em contato direto com as pedras do calçamento. É até possível que os cestos que acondicionam as frutas sejam os mesmos que também aportam nas cabeças dos carregadores, com as suas precárias e sujas vestimentas e os seus pés descalços.

Vemos algumas pessoas agachadas – certamente consumidores e vendedores manuseando esses produtos. Atentemos para as proximidades dos cestos e veremos o que parece ser algum tipo de lixo ou cascas de frutas atiradas ao chão bem ao gosto da tradição popular; as barracas retratadas dão-nos a impressão de que desmoronariam a qualquer momento. Portanto, a chave para entender o paradoxo nessa fotografia é a idéia de *ordem* recorrentemente presente nos discursos dos letrados campinenses. O trabalho realizado na feira era, na visão desta elite, um trabalho pleno de desordem, um trabalho anti-higiênico,

inestético, sobre o qual talvez a autoridade institucional não tivesse muito controle. Neste sentido a categoria *Trabalho* sofreu um revés desqualificador, uma vez que na modalidade aparentemente anárquica em que estava sendo realizado nas feiras livres parecia escapar à vigilância do poder municipal, daí o nervosismo e a ansiedade dos nossos cronistas por um controle adequado e amplo que, em sua visão, a edificação de um mercado moderno possibilitaria. Tais reivindicações pautavam-se no desejo da manutenção da ordem e na vigilância permanente e ostensiva durante a qual os ideais de higienização e salubridade deveriam ser alcançados.

Poderíamos, através dessa breve leitura, julgar que estas fotos teriam se prestado às justificativas dos letrados campinenses nas suas reivindicações por um novo mercado para Campina Grande. Todavia, as imagens fotográficas para além de expressarem determinadas demandas do poder, determinados feitos do poder em toda a sua pretensa eficiência, prestam-se também para representar imagetivamente os trabalhadores em seus hábitos e práticas sociais e, em conseqüência, permitem uma leitura que possibilita uma elaboração de sua existência social e, nesse sentido, uma leitura mais ampliada da cidade. É necessário que se considere o valor epistêmico dessas imagens, isto é, estas fotografias como instrumentos de conhecimento na medida em que elas nos informam sobre objetos, lugares e pessoas, o que nos permite imaginarmos o passado que ela representa, considerando estilos de vida, hábitos sociais, estratégias de sobrevivência e, um dado importante, a presença ostensiva dos pobres na cena urbana, tomando-lhe o primeiro plano.

Percebamos a quantidade de crianças circulando nesse universo comercial, muitas delas em atividade de trabalho. Nesse sentido, podemos imaginar a feira no seu caráter pedagógico, contribuindo para a difusão e prática dos valores do trabalho numa sociedade na qual um dos mais caros sentidos na sua constituição imaginária foi exatamente a sua identificação com a atividade produtiva: estava-se, talvez, construindo os alicerces simbólicos da futura “Campina Grande, capital do trabalho”.¹

Como não vemos nessas imagens muito da *tradição* do comércio popular de Campina Grande? A maior parte das pessoas retratadas nela é constituída aparentemente por pobres. Atente-se para os pés descalços, os chapéus puídos, as roupas desgastadas ou rasgadas; todavia, a pobreza que essa imagem da tradição expressa feria o senso estético de sua ilustrada elite. Mas para além dos devaneios estéticos dessa elite que condenava os pobres em sua feiúra, é importante atentarmos para o que essa imagem pode nos revelar acerca das condições de sobrevivência desses homens e mulheres, comerciantes e consumidores aqui retratados. Se as roupas são símbolos de significância ou de degradação social, essa imagem

nos conduz a uma leitura que remete a condições de existência bem precárias para a maioria desses trabalhadores.

Essa fotografia revela que a feira em Campina Grande é um mundo a ser descortinado, para além de suas atividades comerciais. Percebamos também certos hábitos populares que apontam para a descontração: escorar-se às paredes para a conversa entre prováveis amigos indica este ambiente como um espaço de sociabilidade e enraizamento. Lugar de inocência: duas crianças caminham, abraçadas, pela calçada à esquerda, em aparente indiferença ao movimento à sua volta. O contraponto a generalizada pobreza retratada nessa fotografia é o casal que se aproxima da feira, em trajes sóbrios. Observemos a sua vestimenta: o homem de sobrecasaca e chapéu escuros e a mulher, de vestido em tom igualmente escuro. De braços dados, estão igualmente compondo aquele universo indistinto. A feira, enfim, significava um espaço social plural no que diz respeito aos usos e práticas nelas perpetradas pelas diversas camadas sociais que a freqüentavam. Certamente a consubstanciação dos princípios relacionados à higiene, à estética e à salubridade estaria definitivamente bloqueada se tomarmos a imagem acima como referência para as reclamações dos ideólogos da modernização campinense.

A fotografia abaixo, tomada no sentido Norte-Sul, encerra alguns marcos importantes para o estudo da cidade de Campina Grande: mesmo havendo sido oficialmente deslocada daquela área da cidade para as imediações do recém construído Mercado Público, no dia 30 de agosto de 1941, a feira ainda continuou no mesmo espaço da Rua Maciel Pinheiro por algum tempo depois do ato municipal que a havia transferido. Um marco importante deste momento e que a imagem nos apresenta é o edifício do Grande Hotel, uma das mais comemoradas realizações do prefeito Vergniaud Wanderley (que administrara a cidade em duas ocasiões: de dezembro de 1935 a novembro de 1937; e de agosto de 1940 a março de 1945). Este marco da modernização de Campina Grande nos é apresentado ao final da imagem, à direita, e fora inaugurado a 19 de abril de 1942. ²



Foto 2: Acervo Severino Bezerra de Carvalho

Era na Rua Maciel Pinheiro que ainda se concentrava uma parte substancial de sua elite, representada pelos homens de negócios, autoridades civis e eclesiásticas, habitando os seus casarões fronteados por árvores cuidadosamente podadas; casarões cujas construções ainda eram marcadas pelo estilo colonial. Este espaço era tomado semanalmente, às quartas-feiras e aos sábados, para a realização de feiras livres, transformando-se em um mar de barracas com ondas de gente espalhando-se por toda a artéria; a fotografia em apreço evidencia-o bem. Com a imagem tomada desta maneira o fotógrafo pode ter pretendido dimensionar a grandeza da feira, a sua pujança, um atestado do poder do comércio varejista campinense. Por outro lado, ela pode ter também servido, na ótica dos detratores da feira, como um atestado visual da asfixia pela qual passavam os moradores daquela artéria nos dias em que a feira era realizada; aquelas pessoas, comerciantes, consumidores e transeuntes em geral, significavam um óbice a impedir o livre trânsito dos proprietários daqueles casarões por aquela rua, além de inibir-lhes a privacidade.

Ainda que consideremos que fotografias como estas tenham sido realizadas para expressar determinados desejos progressistas dos letrados campinenses – muitas imagens provavelmente feitas sob encomendas – não se pode negligenciar a presença marcante de pessoas comuns ocupando o primeiro plano nessas imagens. O que queremos enfatizar é que nesse esforço para uma produção imagética da cidade de Campina Grande nesse período, alguns fotógrafos tiveram a sensibilidade de registrar cenas urbanas que certamente não expressavam as imagens desejadas pela sua elite letrada. São, nesse sentido, imagens paradoxais e que nos permitem pensar que a mensagem fotográfica nos possibilita a identificação de conflitos e de contradições envolvendo os desejos que pretenderam instituir um dado modelo de cidade e a presença opositora de pobres nas ruas centrais da cidade, visualmente registradas, negando tal modelo.



Não é um exagero imaginar que os fotógrafos que as produziram tinham intenções bem claras ao apontarem as suas objetivas para determinados pontos da cidade: vislumbraram as suas edificações, as suas praças, as suas festas, o cotidiano de sua gente. E não se pode deixar de observar que esses fotógrafos sofreram influências não apenas de determinados padrões fotográficos consagrados à época, das técnicas e da tecnologia fotográficas então em voga, mas, principalmente, de certo pensamento modernizador que estava na ordem do dia dos letrados campinenses que, por sua vez, os absorvia e alimentava no seu contato diário com o pensamento corrente no Ocidente, sobretudo com o pensamento de administradores e técnicos de cidades brasileiras que passavam por esse processo de profundas reformas.

Por estas razões os fotógrafos que revelaram Campina Grande pretenderam mostrá-la como uma cidade moderna. Não obstante toda a influência de natureza cultural e tecnológica que os fotógrafos sofreram as imagens que nos deixaram como herança talvez não represente, em sua totalidade, a cidade do desejo dos seus administradores à época porque a produção dessas imagens não foi realizada para atender a demandas do poder público campinense.³

Há uma estreita relação entre técnica e emoção quando o assunto é fotografia. Todo o aparato tecnológico do qual se valem os fotógrafos na captura de suas imagens termina por suscitar o encantamento daqueles que as recebem. Uma das características mais marcantes da imagem fotográfica diz respeito à sua capacidade de proteger o seu referente do futuro, ao mesmo tempo em que permite a construção de uma determinada memória. As fotografias que retratam grupos familiares, por exemplo, remetem a uma memória coletiva, dão a conhecer um sentimento de unidade de pertencimento familiar, projetando-os sobre o futuro.

Os acervos fotográficos transformados em documentação para a pesquisa social ativam uma forma peculiar de recepção. Agora o que prevalece é a ação do pesquisador sobre um material do qual deseja extrair significados que, a rigor, não estão necessariamente dados nas imagens examinadas. Claro está que o referente fotográfico é sempre o ponto de partida: ele nos permite a visualização de modos e modas, formas de trabalho, tipos de diversão, mas, de acordo com Bourdieu (2003), o que é fotografado e o leitor da fotografia apreende, não são propriamente os indivíduos, em sua particularidade singular, mas os seus papéis sociais. Na verdade o pesquisador busca o conflito, aquilo que não está explicitado ou, pelo menos, que não está evidente nas imagens; procura as razões e os significados dessas imagens, a que representações elas poderão conduzir.

A atribuição de sentidos ou de significados às imagens fotográficas passa necessariamente pelo conhecimento do processo de construção das realidades sociais responsáveis pela produção das imagens que se deseja examinar. Esse processo é produto de

uma herança cultural adquirida cujos corolários são as práticas e convenções socialmente partilhadas num processo onde os conhecimentos adquiridos e a experiência do mundo – vivida ou aprendida – autorizam o leitor a significar o mundo. Nesse sentido, a leitura das imagens será diretamente proporcional à bagagem cultural do leitor.

Recorrer a imagens que não foram produzidas para ele, imagens que são apenas fragmentos de um determinado momento histórico, e a partir delas ousar significar o passado, implica para o pesquisador recorrer a um amplo jogo de construção no qual a imaginação desempenha um papel fundamental. A recepção que o pesquisador faz a tais imagens, buscando interpretá-las, passa necessariamente pelo filtro cultural no qual ele está inserido e, na busca da interpretação desse desconhecido, diante da possibilidade de atribuir-lhe novos significados, de aproximar-se desse passado pela via da verossimilhança, há a necessidade de explorarem-se outros tipos de fontes de pesquisa – tal como estamos tentando fazer com fontes escritas deixadas por letrados campinenses. Assim, o trabalho de recepção às imagens fotográficas passa por um processo de ampliação.

A imagem fotográfica não pode nem deve ser vista como a reprodução exata da realidade. Ela também não é uma linguagem específica fora ou acima do mundo real que lhe dá abrigo. Antes, ela é um componente deste mundo real, de sua experiência social e, nesse sentido, através dos signos próprios deste, nos permite interpretá-lo, extraindo dele significados.

Importa que em seus desejos de modernização, ao condenar e demonizar hábitos populares arraigados e, ao mesmo tempo, reivindicar para Campina Grande um modelo de cidade que lhe era estranho, a elite letrada campinense nada mais fez que projetar imaginariamente um modelo de cidade que estava ainda longe de concretizar-se.

A Campina Grande daqueles anos ainda estava impregnada de valores e hábitos sociais fundados na tradição e cuja maior parte da população sequer compreendia ou se importava com os reclames de setores de suas elites pela modernização da cidade. Conceitos como higienização profilática, saneamento e salubridade estavam distantes dos horizontes de pessoas que costumavam comer frutas na feira e por lá mesmo atitarem as suas cascas.

Pierre Bourdieu (2003) ensina que se a fotografia considera-se um registro perfeitamente realista e objetivo da realidade é porque se lhe foram atribuídos usos sociais considerados realistas e objetivos. No entanto, entendemos – e cremos que Bourdieu também – que a atribuição de tão poderosas propriedades às imagens fotográficas não constituem uma unanimidade mesmo desde o surgimento da fotografia.

Acreditamos que imagens como as que estamos discutindo no presente trabalho não significam a reprodução da realidade, mas também acreditamos que podemos nos aproximar dessa realidade pelos indícios que tais imagens fazem chegar até nós, pela via da verossimilhança. Elas, portanto, nos permitem imaginarmos uma determinada realidade social que – em Campina Grande, graças à insistência dos cronistas e autoridades que desejavam, como item precioso de sua modernização, um novo mercado para a cidade – pode ser lida como um símbolo de resistência de uma população afeita a certas práticas e estratégias de sobrevivência cuja liberdade era assegurada pelo espaço amplo e a céu aberto que algumas ruas do centro de Campina Grande asseguravam.

Como, por exemplo, o espaço da então Praça e Rua 7 de Setembro no início dos anos 1940, representadas na foto nº 3, a seguir. Em terra batida, este espaço urbano campinense apresenta-nos alguns dos usos que dele foram feitos. Esta praça é vizinha da Rua Maciel Pinheiro, no sentido Norte. Vê-se à esquerda a fachada lateral de uma casa ampla, circundada por um jardim protegido por um muro com paredes bem trabalhadas.



Foto 3: Arquivo Severino Bezerra de Carvalho

À direita um conjunto formado por casas geminadas que parece marcar o limite da zona urbana campinense naqueles dias, constituindo a rua onde algumas pessoas estão passando. Ao centro, numa calçada de formato triangular vêem-se dois homens: um de pé, ao centro de uma barraca (como a dos comerciantes das feiras livres, só que em medidas menores), como a esperar pelos seus fregueses (em barracas como esta era comum a venda de bebidas e petiscos aos transeuntes); o outro homem, sentado sobre uma espécie de caixão, um provável freguês do barraqueiro. Na direção da Rua 7 de Setembro, um outro homem caminha e sobre a sua cabeça está o que parece ser uma pequena caixa de madeira, comum a vendedores de doces e quitutes caseiros que trabalhavam nas ruas de Campina Grande naqueles tempos. Vê-se ainda um menino sobre a calçada e, mais à direita, um jumento pasta

placidamente. Ao fundo da imagem vê-se um bucólico vale; deparamo-nos assim com uma cidade que ainda matinha um ar rural, de modos e ritmos lentos.

Fotografias como estas indiciam modos de viver e trabalhar em Campina Grande através de atividades e ocupações que remetem a tempos remotos, o que, a nosso ver, contribui para a consolidação de uma tradição nesta labuta. Os usos do espaço urbano para o pequeno comércio; as ruas da cidade servindo aos vendedores ambulantes que, de casa em casa, de porta em porta, ofereciam os seus quitutes e serviços, ao som de bordões e cantilenas ainda hoje lembrados por pessoas mais velhas que habitam cidade. Isto nos dá a dimensão da permanência e continuidade de maneiras de estar neste universo. E as imagens fotográficas, com todo o apelo do registro visual, insinuam-se para tais experiências com uma promessa de eternidade, ao preservar para a posteridade aquilo que marcou profundamente esta cidade; uma garantia de preservar, para aqueles que estão no presente e os que virão no futuro, as forças e as fraquezas do que fora e do que fizera desta cidade o que ela é.

Praticamente todas as imagens tomadas do centro de Campina Grande evidenciam atividades produtivas; a cidade nos é apresentada em constante movimentação. Nelas podemos ver trabalhadores e seus instrumentos de trabalho; as suas ruas sempre ocupadas por homens e mulheres em suas labutas cotidianas. Ainda que alguns letrados campinenses desejassem atribuir àquelas ruas um movimento de metrópole, caracterizado pela multidão e pela pressa, a fotografia n° 4, feita no começo dos anos 1940, cujo referente é a Rua Cardoso Vieira, nos remete a certa placidez na urbe.



Foto 4: Acervo Severino Bezerra de Carvalho

As calçadas e a rua são usadas pelos pedestres, não obstante um automóvel estacionado, à direita da imagem, praticamente encoberto por três homens que parecem conversar. Pode ver-se ainda um homem que, descalço, equilibra um balaio vazio na cabeça. Um pouco mais ao fundo outro homem vem conduzindo na cabeça o que parece ser um saco cheio.



Há muitas fotografias que nos mostram as ruas do centro comercial campinense – como a Rua João Pessoa, por exemplo – em que as calçadas das lojas estão tomadas por grandes quantidades de sacos carregados de produtos. Considerando a intensidade do seu comércio que atendia não apenas as cidades do entorno de Campina Grande, mas também ao sertão paraibano e aos estados vizinhos, o movimento de caminhões – considerado por tantos como uma medida para aferir o progresso ali havido –, não é de se estranhar a presença de tantos carregadores e balaieiros com os seus pés descalços ocupando aqueles espaços. Valendo-se de balaios, muitos desses trabalhadores, os pãozeiros, percorriam a cidade e o seu entorno, vendendo o pão e os derivados do trigo que eram produzidos nas padarias campinenses localizadas na área central da cidade, ao mesmo tempo em que ampliavam o circuito de sua sociabilidade na medida em que entravam em contato com mais pessoas, cotidianamente. Portanto, para dar suporte ao progresso na sua faceta econômica, simbolizado no comércio, os agentes do desenvolvimento campinense valeram-se largamente da força física destes trabalhadores anônimos que, em contato direto e diário com as ruas da cidade, no centro e na periferia, contribuíram para a ampliação da cidade e da mitologia construída em torno dela.

Vemo-nos, portanto, diante de imagens que informam acerca de um momento crucial na experiência desta cidade. Um desejo avassalador de modernização varria os corações e as mentes de homens que viam naquele processo a única saída através da qual seria possível modificar hábitos, civilizando-a. Um dos pilares básicos da incivilização, muitos acreditavam, estava naquelas feiras com toda a gama de práticas sociais ali verificadas e que agora eram consideradas inconvenientes, posto que agrediam a beleza e a higiene ou o que a respeito disto pensavam e acreditavam aqueles pregadores do progresso.

A tradição, representada por aquele comércio, pleno em trabalho, sofria agora um forte golpe desferido pelos idealizadores de um pensamento sobre o norte do progresso que deveria ser dado àquela cidade. Logo as feiras que haviam sido até bem pouco tempo um símbolo da grandeza de Campina Grande. Os tempos estavam mudando. Os tempos de um novo progresso se avizinhavam: tempos de bênçãos, mas também de flagelos.



Foto 5: Acervo Museu do Algodão de Campina Grande

Começamos com esta fotografia tomada em 1934, cujo teor é especialmente comemorativo. Trata-se do fardo de algodão número 50.000, prestes a ser exportado para Liverpool, Inglaterra, pela firma *José de Brito & Cia.*, empresa considerada como uma das maiores exportadoras de algodão da região. No fardo podemos ler algumas inscrições, com destaque para o número “50.000”, o seu peso “186 kg” e a palavra “Liverpool”, suposto destino daquela carga; também estão escritas as iniciais da empresa “J.B. & C”. Podemos ver, em pose, dezenove homens vestidos de terno e gravata, provavelmente proprietários e administradores da empresa, que cercam tão simbólico fardo de algodão, ícone de sua vitória.

A legenda que acompanha a imagem nos informa que a empresa responsável pelo enfardamento do algodão foi *José de Vasconcellos & C.* era a maior do mundo em sua especialidade. Esta imagem também é importante porque nos apresenta aspectos do interior do espaço físico destinado ao trabalho; ela estabelece a distinção entre uma elite proprietária e administrativa e aqueles que parecem ser alguns dos trabalhadores daquela empresa, ao fundo da imagem. Podemos ver ainda três aberturas na parede para a circulação do ar e por onde entra a luz que incide sobre os fardos de algodão conferindo-lhes um halo brilhante próprio do ouro branco, essa alegoria da riqueza campinense. Temos a possibilidade de uma leitura interessante: no plano mais amplo, a internacionalização da cidade de Campina Grande através do vigoroso comércio algodoeiro mundial; as suas ligações com uma das maiores praças comerciais então existentes e os conseqüentes lucros e glórias – as bênçãos – que esses negócios proporcionavam àquela elite econômica.



Foto 6: Acervo do Museu do Algodão de Campina Grande.

Por um momento o tão significativo fardo de algodão foi colocado na frente da empresa. Vemos os mesmos capitães da indústria que posaram ao seu lado na foto anterior. Homens, mulheres e crianças, provavelmente empregados da empresa e moradores do seu entorno, posam respeitosamente em torno do maior símbolo de riqueza da cidade. Podemos imaginar que esta fotografia deseje expressar a participação coletiva na produção deste bem; que ele significa o trabalho e a dedicação direta ou indireta de todos os que nela, mais ou menos perfilados, são representados. Ela também se torna expressiva porque significa a realização de um registro visual de algo tão significativo para a elite econômica de Campina Grande que desejava fazer crer que a riqueza ali produzida *pertencia* ao povo campinense; não é exagero sugerir que o fotógrafo que a produziu tenha estado influenciado por esta premissa no ato de tomar a imagem. A porta aberta da empresa deixa a impressão de que todos os presentes, como uma família, de lá saíram, como se ali fosse a sua casa. No pátio de “casa” reúnem-se todos para a comemoração de um grande feito coletivo digno do registro para a posteridade através de uma fotografia, como poderiam fazer durante as comemorações familiares mais importantes. Uma festa.

Com relação ao mundo do trabalho modernizado, uma das coisas que mais impressionaram os fotógrafos que trabalharam em Campina Grande neste período foram os vários tipos de maquinaria aportados na cidade. Símbolo aceito como propulsor do progresso, a maquinaria parece ter representado para aqueles produtores de imagens espécies de dispositivos para assinalar o desenvolvimento campinense. Isso é ainda mais visível quando o assunto é o beneficiamento do algodão, matéria prima e fator simbólico da riqueza de uma minoria privilegiada que capitaneava esta atividade que visava à organização racional da produção em íntima vinculação com equipamentos técnicos, capazes de viabilizar uma maior

produtividade, uma vez que esses maquinismos também significavam a impressão de ritmos mais velozes à produção.

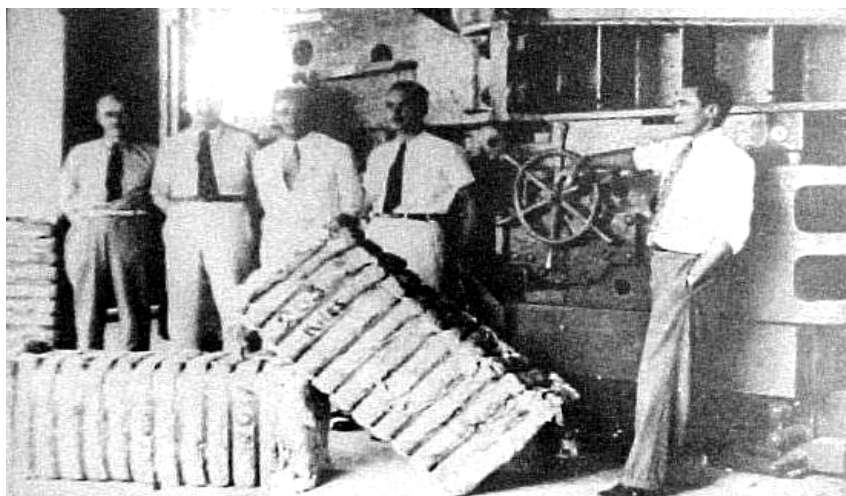


Foto 7: Acervo do Museu do Algodão de Campina Grande

A fotografia acima expressa este pensamento. Nela podemos sugerir uma unidade, constituída pelo equipamento mecânico, a racionalização, o gerenciamento da produção e o produto acabado como sinais de progresso e de riqueza. A máquina em questão, uma prensa hidráulica, própria para o enfardamento do algodão negociado de Campina Grande com a Europa pelos idos dos anos 1930 e 1940. Em pose, cinco homens cujas roupas indicam serem diretores ou gerentes da produção. Em linha, numa postura séria e que enseja respeitabilidade, quatro homens dentre os quais um usa um terno completo. À direita, em postura descontraída, o outro componente da imagem repousa o braço direito sobre a o mecanismo de fazer girar a prensa, enquanto a mão esquerda, cujo pulso ostenta um relógio, está colocada no bolso da calça. Podemos imaginar que a produção desta fotografia, a encenação que ela retrata, indica o estabelecimento da hierarquia nos níveis superiores, de organização e direção da empresa cuja razão social, infelizmente, não nos é dado conhecer. Os quatro homens que estão juntos, por certo querendo passar uma impressão de união e trabalho em equipe, em pose que conota respeito, talvez fossem subordinados àquele que parece segurar o “leme”, um provável comandante daquela empresa. O algodão é simbolizado por três fardos devidamente numerados e prontos para o embarque. Na composição da imagem foram organizados no primeiro e últimos planos, como que a não querer deixar dúvidas sobre quem era a razão de ser da constituição daquele cenário. Homens e máquina operariam, portanto, para possibilitar a produção deste símbolo de riqueza, modernização e progresso.

Propomos, assim, que estas imagens nos permitem vislumbrar aspectos caros aos ideais modernizadores que embalavam as mentes dos seus defensores em Campina Grande: a organização racional da produção em íntima vinculação com equipamentos técnicos, capazes

de viabilizar uma maior produtividade, uma vez que esses maquinismos também significavam a impressão de ritmos mais velozes à produção, ampliando-a para espaços cada vez mais amplos e desejados, pressupostos indispensáveis para que a elite urbana desta cidade experimentasse dois dos objetivos mais caros às suas projeções imaginárias: a modernização e o progresso.

Referências Bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas – Magia e Técnica, Arte e Política*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo, Brasiliense, 1993 (p. 91-107; 165-196).
- BOURDIEU, Pierre. *Um Arte Médio*. Versión castellana de Tununa Mercado. Barcelona, Editorial Gustavo Gilli, 2003.
- CÂMARA, Epaminondas. *Datas Campinenses*. Campina Grande, Editora Caravela, 1988 (p. 21-22).
- CAVALCANTI, Silêde Leila Oliveira. Campina Grande de(fl)vorada por forasteiros: a passagem de Campina patriarcal a Campina burguesa. In GURJÃO, Eliete de Queirós (org.) *Imagens multifacetadas da História de Campina Grande*. Campina Grande, Prefeitura Municipal de Campina Grande/Secretaria da Educação, 2000 (p. 58-78).
- KOURY, Mauro G. P. Fotografia e cidade. In KOURY, Mauro G. P. (org.) *Imagens & Ciências Sociais*. João Pessoa, Editora da UFPB, 1998.

Notas

¹ A elite campinense sempre esteve atenta quanto à criação de epítetos grandiloqüentes com os quais atribuíam e continuam atribuindo valores simbólicos e reais à Campina Grande: “Liverpool brasileira”; “Capital do trabalho”; “Rainha da Borborema”... Foram expressões muito utilizadas para fixar no imaginário campinense uma valorização positiva de sua cidade.

² O médico Severino Bezerra de Carvalho, contemporâneo desse evento, nos informou que a feira prosseguiu “por algum tempo ainda na Maciel Pinheiro” graças à falta de espaço no novo local destinado para abrigá-la nas imediações do novo mercado municipal.

³ Há indícios que sugerem que grande parte da documentação fotográfica que temos é um produto do trabalho diletante de fotógrafos que viveram e trabalharam em Campina Grande, o que a diferencia de conhecidos centros urbanos brasileiros como São Paulo, Rio de Janeiro e Recife, cujas administrações municipais contrataram fotógrafos para documentar os seus processos de transformação urbana, o que resultou em álbuns fotográficos marcado por uma *intencionalidade* imagética que se prestou ao atendimento das demandas destas administrações.